

13. COMUNIDADE E CLASSE

A Comuna, portanto, devia servir como alavanca para desarraigat o fundamento econômico sobre o qual descansa a existência das classes e, por conseguinte, da dominação de classe.
KARL MARX*

Os indivíduos estabelecem fidelidades mais abrangentes que aquelas proporcionadas pelo individualismo do dinheiro e pela lealdade à família e aos parentes. A classe e comunidade definem duas dessas configurações sociais mais abrangentes. Mas, há a tendência de considerá-las categorias mutuamente excluídas que assumem formas antagônicas de consciência e ação política. Isso claramente não é o que aconteceu em Paris, nem antes (ver Capítulo 2) do Segundo Império, nem enquanto ele estava em curso. O fato de muitos se sentirem à vontade com a ideia de que havia tanto uma comunidade de classe quanto uma classe da comunidade não foi uma aberração ideológica; ela possuía uma base material real. E isso surpreendente talvez seja a percepção de muitos de que comunidade e classe não apenas ofereciam categorias e identidades compatíveis, mas de que sua relação era o rumo ideal a que qualquer sociedade civil progressista deveria aspirar. Essa era a ideia básica do comunismo na década de 1840, e o conceito de associação — tão fundamental no movimento dos trabalhadores e nos ideais de Saint-Simon que sustentavam as práticas do capital financeiro — ou ignorava ou negligenciava a distinção. Mas também é verdade que as concepções e realidades tanto da comunidade quanto de classe evoluíram muito rápido no decorrer do Segundo Império. As obras de Haussmann e a transformação da terra e do mercado imobiliário parisiense abalaram não só a estrutura socioespacial da cidade, mas as bases tradicionais de comunidade, e as transformações nas estruturas financeiras e nos processos de trabalho também impactaram a base material das relações de classe. A extraordinária aliança de forças que produziu a Comuna de Paris — maior

comunicação comunal de classe na história do capitalismo — só pode ser apreciada na forma plena sob a perspectiva de tais conflitos.

Apresentar as coisas dessa maneira é obviamente um convite à controvérsia. Robert Gould rejects a ideia de que a Comuna tivesse qualquer ligação com classe social. Trata-se de uma luta, diz ele, para conquistar liberdades municipais diante de um Estado opressivo e, por isso, era de inspiração puramente comunitária. Com o passar dos anos, houve muitas dessas tentativas de “municipalizar” a tradição revolucionária na França. Richard Cobb, para usar um exemplo bem conhecido, questionou a interpretação de classe de 1789 feita por Albert Soboul; e Manuel Castells, abandonando suas antigas formulações de inspiração marxista, interpretou a Comuna como um movimento social urbano em *The City and the Grassroots* [A cidade e as massas]. Além disso, há muitos livros, como o de Priscilla Ferguson, nos quais o destaque à tradição revolucionária da cidade é tão grande que ela se torna uma força social em si e que por si só desempenhou um papel crucial na mudança política e cultural. Contra isso, defenderei que havia, de longa data, identificações de classe relacionadas a locais, bairros e até comunidades. Os marxistas que se recusam a reconhecer a importância da comunidade na formação da solidariedade de classe estão seriamente equivocados, assim como igualmente cegos aqueles que afirmam que a solidariedade da comunidade nada tem a ver com classe social. Os membros de classe e consciência de classe são tão importantes no espaço de vivência quanto no de trabalho. O posicionamento de classe pode ser expresso tanto pelos modos de consumo quanto pelas relações com a produção.

CLASSE

A reconstrução de Adeline Daumard das fortunas deixadas pelos parisienses em 1847 oferece um retrato nítido da distribuição da riqueza por categoria socioeconômica (Tabela 8)⁷. No topo, a alta burguesia dos negócios (comerciantes, banqueiros, diretores e alguns industrialistas de grande porte), a aristocracia rural e os altos funcionários do Estado. Eles representavam apenas 5% da população amonada e detinham 75,8% da riqueza herdada. As classes inferiores (a última das

⁷ Robert Gould, *Insurgent Identities: Class, Community and Protest in Paris from 1848 to the Commune* (Chicago, University of Chicago Press, 1995). Ver também Richard Cobb, *A Sense of Place* (Londres, Duckworth, 1975); Manuel Castells, *The City and the Grassroots* (Oakland, University of California Press, 1983); Priscilla Parkhurst Ferguson, *Paris as Revolution*, cit.

Adeline Daumard, *Maisons de Paris et propriétaires parisiens au XIX^e siècle*, cit., e *Les fortunes huppées au XIX^e siècle* (Paris, Mouton, 1973).



Figura 80: Daumier usou as distinções que se configuravam entre as classes nas ferrovias para esboçar suas fisíonomias.

quatro categorias) representavam três quartos da população, mas juntas detinham apenas 0,6% da riqueza. Entre as duas camadas havia a classe média alta, composta por servidores públicos, advogados, profissionais liberais e administradores que estavam em escalões mais altos, juntamente com os aposentados e os remanescentes de lojas, anteriormente a espinha dorsal da classe média, estavam, como já mencionamos, mais abaixo na escala social (com quase a mesma proporção populacional, sua parcela de riqueza caiu de 13,7% em 1820 para 5,8% em 1847). Mas ainda estavam um grau acima da classe média baixa, composta por empresários e gestores de baixo escalão (principalmente funcionários administrativos e trabalhadores autônomos (sobretudo trabalhadores de ofício e artesãos). As desigualdades de riqueza nessa estrutura de classe eram enormes.

Podemos olhar de outra maneira para tal estrutura de classe. Em primeiro lugar, o que Marx chamou de “a antiga contraposição de cidade e campo, a rivalidade entre capital e propriedade fundiária”⁸ está muito evidente. A presença desproporcional da aristocracia rural e dos funcionários do Estado está diretamente ligada ao papel centralizado de Paris na vida nacional. A classe camponesa não é de se ver, mas sua presença é sentida em toda parte, não somente como reserva de mão de trabalho da qual Paris podia se valer, mas também como fonte dos impostos que sustentavam o governo e do rentismo dos proprietários de terras, que permitia com tanta prodigalidade. Quando acrescentamos os pensionistas e os remanescentes (que viviam de juros), descobrimos que quase um décimo da população de Paris, dona de 70% da riqueza, vivia de rendas não obtidas à custa do próprio trabalho. Já está grande parte da enorme demanda efetiva que a indústria parisiense estava tão bem posicionada para satisfazer. O domínio dos “ricos ociosos” das “classes consumidoras” e o papel superestimado dos funcionários do Estado trouxeram importantes implicações para a vida, a economia e a política parisiense. Apenas um quinto da alta burguesia estava engajado em atividades economicamente úteis, o que impactou sobremaneira o comportamento da burguesia em atitudes sociais e divisões internas.

As divisões internas na classe inferior (74,3% na amostragem de 1847 de Louis Chevalier) são mais difíceis de discernir. As diferenças entre trabalhadores de ofício qualificados, não qualificados, ocasionais e domésticos eram obviamente relevantes, embora Poulot mais tarde tenha preferido as distinções baseadas nas atividades relativas ao trabalho, assim como na disciplina e qualificação (Tabela 9). Os remanescentes com frequência insistiam (com certo temor) na mais controvérsia de todas as divisões sociais: entre as classes trabalhadoras e as classes “petitas

⁸ Karl Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, cit., p. 60. (N. E.)

Tabela 8. Riqueza herdada por categorias socioprofissionais, 1847

| Categoria | Valor médio da riqueza por morte registrada | % que não deixou riqueza | % de heranças registradas | % da riqueza total |
|--|---|--------------------------|---------------------------|--------------------|
| Proprietários de imóveis, finanças etc.) | 7.623 | 26,3 | 1,0 | 13,8 |
| Proprietários de terras e imóveis sem funcionários | 7.177 | 8,6 | 3,7 | 54,0 |
| Profissionais liberais e gerentes | 7.091 | 13,0 | 0,6 | 8,0 |
| Empresários de nível médio | 1.469 | 39,4 | 2,0 | 5,6 |
| Pensionistas | 887 | 16,9 | 1,7 | 3,2 |
| Outros | 709 | 38,2 | 5,7 | 8,3 |
| Proprietários do Estado e do setor privado | 467 | 35,7 | 6,1 | 5,8 |
| Trabalhadores domiciliares | 71 | 52,8 | 2,7 | 0,4 |
| Trabalhadores domésticos | 61 | 48,5 | 1,8 | 0,3 |
| Outros (incluindo (e Diversos) | 15 | 75,9 | 0,4 | 0,1 |
| Trabalhadores | 13 | 81,6 | 6,9 | 0,2 |
| Trabalhadores braçais | 4 | 79,2 | 29,1 | 0,1 |
| Trabalhadores braçais | 2 | 92,8 | 30,2 | 0,2 |
| Trabalhadores braçais | 1 | 80,5 | 8,1 | 0,0 |
| Total de categorias | 503 | 72,6 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Com base em algumas categorias menores de tabelas diferentes sem, creio eu, contemper o quadro geral.

Adolphe Daumard, *Les fortunes françaises au XIX^eme siècle*, cit., p. 196-201.

Paris de 1848, grande parte da burguesia achava que elas eram a mesma coisa⁹, o que o movimento dos trabalhadores de 1848 definiu uma realidade diferente, não dissipar por completo a ilusão. No entanto, deixou em aberto a classificação da massa heterogênea de vendedores, músicos e malabaristas de rua, trapeiros e estudantes de lixo, jovens ajudantes, bateadores de carteira e trabalhadores ocasionais domiciliares ou não. Para Haussmann, esses eram os “verdadeiros nômades” de Paris, pulando de emprego em emprego, de favela em favela, desprovidos de qualquer sentimento ou lealdade em relação ao município. Para Thiers, eles constituíram a “multidão desprezível” que encarava a construção das barricadas e a derrota do governo como algo meramente teatral e festivo. Marx não foi mais generoso. “Toda essa massa indefinida, desestruturada”, de “vagabundos, soldados semetados, ex-presidiários, escravos fugidos das galeras, gatuños, trapaceiros, *lazzaroni* [lazarones], bateadores de carteira, prestidigitadores, jogadores, *matqueurs* [matocês], donos de bordel, carregadores, literatos, tocadores de realêjo, trapeiros,

Louis Chevalier, *Labouring Classes and Dangerous Classes*, cit.; Georges-Eugène Haussmann, *Mémoires du Baron Haussmann*, v. 2, cit., p. 200.

TABELA 9. Reconstituição resumida da tipologia dos trabalhadores parisienses feita por Proudhon. (Esq.)

| | Verdadeiros trabalhadores | Trabalhadores | Trabalhadores simples | Sublinhados volúntarios | "Filhos de Deus" e sublinhados dos sublinhados |
|-------------------------------------|---|--|--|--|---|
| Hábitos de trabalho e qualificações | Trabalhadores qualificados, nem sempre são capacitados como os "sublinhados" concordam com tudo que o patrão exige para ganhar uma promoção. Trabalham de bom grado à noite e aos domingos e nunca faltam às segundas-feiras. Companheiros, amigos ou família não os afastam de seus deveres. | Não têm mais do que qualificações raras, mas estão dispostos a trabalhar à noite e aos domingos e nunca faltam às segundas-feiras. São motivados apenas pelo ganho monetário. | São homens que trabalham em apenas de quatro horas por dia e não fazem qualquer coisa além de trabalhar. Sempre trabalham em silêncio e não conversam com ninguém. Sempre trabalham em silêncio e não conversam com ninguém. Sempre trabalham em silêncio e não conversam com ninguém. | Trabalhadores de elite com qualidades excepcionais e indispensáveis a ponto de poder desafiar abertamente os chefes sem medo de represália. Com frequência ganham a vida trabalhando apenas 3-5 dias por semana. | São os mais capazes de dirigir equipes de produção e têm grande influência sobre os outros. Mobilizam resistências coletivas aos chefes e ditam o ritmo de trabalho. O sublinhe dos sublinhados nunca se submete à disciplina da oficina e trabalha em casa; é o "profeta da resistência" dentro da força de trabalho. |
| Bebida e sociedade | São de uma "sobriedade exemplar". Nunca se embriagam e controlam o mau humor ou a tristeza, guardando-os para si. Buscam consolo no trabalho. Recusam a camaradagem na oficina e por isso são com frequência rejeitados pelos colegas. | As vezes ficam "bebedos", mas geralmente em casa, aos domingos. Quase nunca bebem com os colegas de trabalho porque as esposas não permitiriam. | Em geral se embriagam em casa, mas também bebem com os colegas de trabalho e com frequência pagam o jantar em restaurantes e bares. Sempre bebem com os colegas de trabalho e com frequência pagam o jantar em restaurantes e bares. | São realmente alcoolistas. Incapazes de atuar dentro ou fora do local de trabalho sem uma boa <i>arrê-de-viz</i> . | Só se embriagam em dias festivos e com amigos e familiares. Adoram beber e discutir política, podendo se embriagar mais com a política do que com a bebida. |
| Vida antes do casamento | Preferem as prostitutas profissionais à sedução e se casam sem praticar concubinato. | Dormem com lavadeiras, empregadas domésticas etc. e assim escapam de pagar aluguel ou viver com os mestres. Quando se casam, em geral abandonam as amantes e procuram uma boa dona de casa em sua terra natal. | São solteiros que vivem em pensões ou com o útero. Casam-se para ter uma esposa rabeira para o "sublinhamento". | Preservam zelosamente a sua liberdade e vivem só ou em união livre. Casam-se apenas para ter filhos que cuidem deles na velhice. | Assumem o papel de "Don Juans" até quase 40 anos e seduzem com facilidade as esposas e filhas dos trabalhadores da sua equipe. Casam-se tarde e para garantir que os filhos cuidem deles na velhice, mas com frequência vivem em união livre. Em geral suas esposas também trabalham. |
| Condição econômica | São os mais prósperos, têm economias e participam de sociedades de ajuda mútua das quais tentam excluir os "sublinhados". Suas esposas são com frequência <i>conterges</i> ou pequenas varejistas. | As vezes têm algum dinheiro extra para pagar as dívidas. Suas esposas são com frequência <i>conterges</i> ou pequenas varejistas. | Sempre têm dificuldades financeiras e vivem em união livre. Casam-se apenas para ter filhos que cuidem deles na velhice. | Estão sempre em dificuldade econômica e carecem de recursos para sustentar uma família, embora suas companheiras em geral também trabalhem. | Não enfrentam tanta dificuldade financeira, mas por princípio fazem questão de não pagar as dívidas com varejistas ou proprietários. |
| Vida familiar | Agem como chefes de casa e veem as mulheres como inferiores por natureza. Colocam fortes barreiras entre a família e a vida profissional. | A esposa costuma administrar a casa e geralmente controla as amizades e o comportamento do marido. | Uma esposa é uma filha. Sempre têm dificuldades financeiras e vivem em união livre. Casam-se apenas para ter filhos que cuidem deles na velhice. | Se a esposa também não é uma sublinhada, há conflito permanente, com muitos espancamentos e brigas violentas regadas a álcool. Se a esposa é uma sublinhada, há um entendimento comum em meio a muitas discussões. A esposa "vai às tuas" e tem, assim, orgulho de sustentar os filhos à custa dos exploradores. | A companhia exerce cada vez mais controle à medida que o homem fica mais velho e perde o vigor. |
| Política | Verdadeiros democratas, são contra o Império e o socialismo. Compartilham as opiniões de Proudhon sobre "aspirações justas à posse" e buscam associar capital e trabalho. Lemem jornais de oposição republicanos, raramente comparecem a reuniões políticas e desaprovam demagogia e esquemas utópicos. Defendem a República e são desprezados pelos socialistas. | Não entendem de fato a retórica socialista e rejeitam as ideias mais avançadas. Gostam de ir a reuniões públicas, onde podem ser convencidos pelos demagogos. | Seguem as ideias dos "filhos de Deus" e não se preocupam com o que eles recomendam. Não com frequência comparecem a reuniões públicas e não se interessam por assuntos políticos. Sempre se preocupam com o "sublinhamento". | Raramente falam sobre política, nunca ficam nem vão a reuniões públicas, mas escutam muito atentamente os comentários dos "filhos de Deus". | Acompañham a imprensa diariamente e fazem comentários profundos sobre política, que os outros escutam com respeito. Soam com soluções para os problemas sociais, são contra Proudhon e animam o movimento dos trabalhadores. Estão preparados para o martírio. O sublinhe dos sublinhados é mais reflexivo, um "homem de princípios" que age como profeta e luta para o movimento dos trabalhadores. Preparados para lutar contra a República, são os odores mais respeitados nas reuniões. |

Nota: Esta é uma versão sincérea de uma tipologia mais completa encontrada em Adrian Rifkin e Roger Thomas em *Voices of the People*, cit., p. 104-11.

amoldadores de tesouras, funileiros, mendigos" — desconta, [...] dejetos, [...] dejetos de todas as classes" — compunha um lumpemproletariado, um apelo importante para o golpe de Estado de Luís Bonaparte.⁴

Corbon, um observador de enéio, tentou reduzir o caráter dramático dos estrates. A "classe inútil" compreendia apenas um quinto das classes inferiores: muitos, como os trapeiros, eram tão pobres que chegavam a ser passivos e "inúteis vivos" (exceto pela visão de sua pobreza); eles não eram acostumados ao trabalho regular, não produziam nem consumiam quase nada e eram desprovidos de inteligência, ambição ou interesse por assuntos públicos. O grupo "degenerado" — eles podiam ser indolente e perverso, mas deve ser distinguido da minoria verdadeiramente ofensiva das "classes perigosas", tão presente nos romances de Hugo, Balzac e que recebeu tanto destaque político por parte de analistas tão diversos como Thiers e Marx. Na época, como agora, a definição de "marginalidade" ou "informal" e de seu papel econômico e político era controversa e confusa. Dada a instabilidade do emprego, o limite entre "moradores de rua" e trabalhadores de ter sido extremamente poroso. O grande número de mulheres presas à condição de pobreza e obrigadas a ganhar a vida na rua também adicionou um forte componente de gênero à constituição real da camada mais baixa da população (e como veremos mais adiante, misturou meios sexuais com o medo da revolução). No entanto, os moradores de rua — que viviam mais fora do que dentro da cidade — eram uma força vital na economia, na vida e na cultura parisienses.

Devido à insegurança social e econômica, o limite entre as classes inferiores e os grupos socioeconômicos acima delas também era confuso e poroso. Hugo, por exemplo, comentou sobre "essa camada indeterminada da sociedade, com primíada entre as classes média e baixa, que consiste da ralé que cresceu no mundo e das pessoas mais cultivadas que afundaram e combina as piores qualidades de ambas, não possuindo nem a generosidade do trabalhador nem a honrosidade respeitável do burguês"⁵. Muitos lojistas (cuja posição, como vimos, estava em forte declínio) aproximavam-se dessa margem de sobrevivência. Presos em uma rede de dívidas, eram obrigados a fazer trapaças, racionalamentos e economias para não perder o pouco que arduamente haviam construído por toda a vida. Exploradores impiedosos dos clientes, eles podiam também se juntar à revolta na esperança de uma melhoria econômica. Muitos dos donos de oficinas estavam

em posição similar. Havia poucas fábricas de grande porte em 1848, por isso as condições materiais para o confronto direto entre o capital e o trabalho na produção não estavam presentes de forma mais intensa. A distinção entre trabalhadores e mestres nas oficinas de pequena escala que dominavam a indústria parisiense era em geral confusa: eles trabalhavam próximos o bastante para que os vínculos de simpatia e cooperação fossem tão fortes quanto os antagonismos "clássicos". Ambos tinham o mesmo ressentimento pelas novas técnicas de produção em massa e pelo sistema de subcontratação das "confeções" e se sentiam traídos pelo poder das altas finanças e do comércio quanto furiosos e invejosos com relação aos ricos ociosos — que, por sua vez, como se queixava Poulot, tinham com o mesmo nível de repugnância e desdém aqueles que trabalhavam com os mãos para viver. Endividada e ameaçada pelos novos processos de produção, a pequena burguesia frequentemente radical composta de pequenos mestres se matos para viver. Endividada e ameaçada pelos novos processos de produção, a pequena burguesia frequentemente radical composta de pequenos mestres se matos para viver. Endividada e ameaçada pelos novos processos de produção, a pequena burguesia frequentemente radical composta de pequenos mestres se matos para viver.

A burguesia também demonstrava algumas confusões. *La bohème* era mais que um grupo libertino de estudantes jovens, exibicionistas e empobrecidos. Comprendia, de fato, uma gama de burgueses dissidentes, em geral extremamente individualistas — buscando se identificar como escritores, jornalistas, pintores, artistas —, que muitas vezes transformavam seus fracassos em virtudes e zombavam dos rigores da vida e da cultura burguesas. Os companheiros de café de Courbet em geral se assemelhavam mais aos trabalhadores "sublimes" de Poulot do que a qualquer outra camada da burguesia. Às confusões de classe também se somava um grande número de estudantes (a maioria de origem provincial e sustentada por uma parca mesada). Céticos e ambiciosos, desdenhavam da tradição e até mesmo da cultura burguesa, tendo ajudado a transformar Paris em "um vasto laboratório de ideias" e na antessala de esquemas e ideologias utópicas.⁶ Relativamente empobrecidos, tais estudantes inevitavelmente tinham algum tipo de contato com trabalhadores e moradores de rua e conheciam muito bem a rapacidade das lojistas e agiotas. Constituíram o núcleo de muitas conspirações revolucionárias (a blanquista, por exemplo), foram ativos na Internacional e estavam sempre dispostos a fazer seus próprios protestos nas ruas da Rive Gauche. Misturaram-se muitas vezes com as camadas insatisfeitas de *la bohème*. Um forte movimento dissidente dentro da burguesia, que às vezes abrangia advogados e profissionais liberais consideravelmente prósperos e também escritores e artistas bem-sucedidos, tinha suas raízes nessas camadas da população.

4. Karl Marx, *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*, cit., p. 75 [ed. bras.: *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, cit., p. 90-1], e *Class Struggles in France*, cit., p. 47 [ed. bras.: *As lutas de classe na França de 1848 a 1850*, cit.]; Louis Chevalier, *Labouring Classes and Dangerous Classes*, cit.

5. Claude Anthime Corbon, *La secret du peuple de Paris*, cit., p. 34-48.

6. Victor Hugo, *Les misérables* (Harmondsworth, Penguin, 1976), p. 15.

William H. Sewell, *Work and Revolution in France*, cit., p. 259.

Theodore Zeldin, *France, 1848-1945*, cit., v. 1, p. 481.

Tal estrutura de classe sofreu algumas transformações durante o Segundo Império. Embora não haja dados para comparações precisas, a maioria dos observadores concorda que, se houve qualquer mudança na distribuição assimétrica da riqueza, foi na direção do aumento da desigualdade, e não de sua redução. Entretanto, mudanças importantes ocorreram nos segmentos de classe. As atividades empresariais (de bancos, comércio, companhias limitadas) tornaram-se relativamente mais importantes na alta burguesia, araindo não só os funcionários do Estado (como Haussmann) influenciados pela visão saint-simoniana, mas também um grupo de classe fundiária que achava a diversificação nos mercados acionário e imobiliário parisienses mais lucrativa que os arrendamentos rurais consideravelmente menos lucrosos. Mas, se a tradicional propriedade fundiária tornou-se bem menos produtiva, a divisão entre finanças, comércio e indústria adquiriu mais peso, enquanto rivalidades entre facções (como aquela entre os Rothschilds e os Péreires) assumiram maior importância. A alta burguesia não estava menos dividida em 1870 do que em 1848, mas as divisões se davam sob outros preceitos.

Também houve importantes mutações na classe trabalhadora, que foi impactada pelas transformações no processo de trabalho e na estrutura industrial. A consolidação da indústria de grande porte em setores como tipografia, engenho e até mesmo comércio (as grandes lojas de departamentos) criou o cenário para confrontações mais diretas entre trabalho e capital no local de trabalho, simbolizadas pela greve dos tipógrafos, em 1862, e pela greve dos trabalhadores do comércio em 1869. A reorganização e a desqualificação do trabalho de ofício também ocorreram a sensação de dominação externa, tanto dos pequenos mestres de ofício quanto dos inúmeros intermediários que controlavam o sistema de produção altamente fragmentado. As greves dos alfaiates e dos bronzistas em 1867, dos curtidores e marceneiros em 1869 e dos fundidores de ferro em Cail em 1870 apontam para um crescente confronto entre capital e trabalho, mesmo nos ofícios em que o trabalho domiciliar e a produção em pequena escala eram a norma. As chances de os trabalhadores de ofício se tornarem mestres de ofício pareciam ter diminuído na medida em que estes últimos foram proletarizados ou obrigados a entrar em uma categoria distinta de chefia, com tudo o que isso envolvia.

Mas se em 1870 Paris tinha um tipo bem mais convencional de proletariado que em 1848, as classes trabalhadoras ainda continuavam extremamente diferenciadas. "O cadinho em que os trabalhadores foram forjados era sutil", diz Duveroy: "criou uma unidade a partir da vida da classe trabalhadora, mas suas condições eram tão variadas quanto matizadas". Nada era feito para aplacar a competição

de peso morto do exército de reserva industrial e dos subempregados, que viviam próximos à margem da existência. Seu número aumentou com a imigração, e eles acabaram em um setor informal maciço cujas perspectivas pareciam cada vez mais sombrias à medida que Haussmann tomava o aparato do Estado mais neo-malthusiano no que diz respeito à provisão de bem-estar. Mas, com quase 1 milhão de pessoas vivendo no nível da pobreza ou abaixo dele (segundo as próprias estimativas de Haussmann), havia limites para suas medidas. Assim, uma onda de desemprego em 1867 fez o imperador abrir uma extensa rede de "sopões" públicos para os famintos. A composição interna das classes médias também mudou. Enquanto profissões liberais, gestores e servidores públicos colhiam os frutos do progresso econômico, os tentistas e pensionistas enfrentavam tempos mais difíceis. Os custos de vida e os representantes aluguéis em Paris corroíam parte da sua riqueza (a menos, é claro, que eles se voltassem a investimentos mais especulativos; e *Largent*, de Zola, é de fato preciso, as chances que tinham de perder suas fortunas para os lobos da Bolsa de Paris eram tão grandes quanto as de aumentar seus arrendamentos rurais estagnados). Se usarmos como base seu controle cada vez menor sobre a propriedade parisiense, os lojistas continuaram a decair em direção à classe média baixa ou até mais baixo, exceto os que encontraram novas maneiras de vender (como as grandes lojas de departamentos e as butiques especializadas, que atendiam as classes superiores e a demanda de turistas). Esse é o tipo de transição que Zola registra de forma tão eloquentemente detalhada em *O paraiso das damas*. Ao mesmo tempo, a explosão da atividade bancária e nas finanças criou uma série de ocupações administrativas e intermediárias, algumas das quais eram relativamente bem remuneradas.

A estrutura de classe de Paris estava em plena mutação durante o Segundo Império. Em 1870, os traços dos antigos padrões das relações de classe — proprietários de terras tradicionais, trabalhadores de ofício, artesãos, lojistas e funcionários do governo — ainda podiam ser facilmente discernidos. Mas outro tipo de estrutura de classe estava deixando marcas mais fortes sobre eles; ela própria transitando entre capitalismo monopolista de Estado praticado por grande parte da nova alta burguesia e a crescente subsunção de todo trabalho (artesanal e qualificado) às relações capitalistas de produção e circulação nos vastos campos da indústria e do comércio parisienses de pequeno porte. A desqualificação estava em curso, solapando o poder do trabalhador de ofício, e o poder econômico se deslocava dentro dessas estruturas. Enquanto os financistas consolidavam seu domínio sobre a indústria e o comércio, pelo menos em Paris, um pequeno grupo de trabalhadores começava a adquirir o status de aristocratas privilegiados do trabalho em meio a uma massa crescente de mão de obra não qualificada e pauperização. Essas mudanças produziram inúmeras tensões, que foram cristalizadas nas ferozes lutas de classes travadas em Paris entre 1868 e 1871.

² Georges Duveau, *La vie ouvrière en France sous le Second Empire*, cit., p. 218; David Foray, *Napoleon III and the Working Class*, cit.; Claude Anthime Corbon, *La secret du peuple de Paris*.

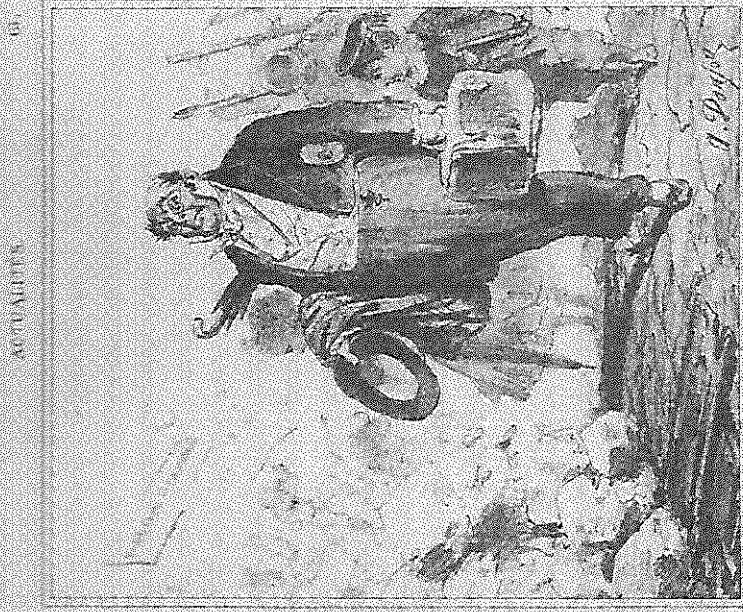
COMUNIDADE

Naquela época, como agora, era difícil desvendar os ideais e as realidades das comunidades. No tocante a Paris, Haussmann estava muito longe do ideal e, se a realidade existia, ele não conseguia enxergá-la. A população parisiense era um "nódo inconstante e agitado" de imigrantes, nômades e pessoas em busca de trabalho e prazeres de todos os tipos (não apenas trabalhadores, mas também estudantes, advogados, comerciantes etc.); que jamais conseguiriam adquirir algum senso de comunidade estável ou leal¹⁰. Paris era simplesmente a capital nacional, "a巴黎 centralização", e tinha de ser tratada como tal. Haussmann não era o único que enxergava desse modo. Muitos na alta burguesia, desde Thiers até Rothschild, viam Paris apenas como "uma base geográfica chave na luta pelo poder nacional" e as agitações internas e propensão à revolução desqualificavam-na como uma comunidade verdadeiramente genuína¹¹. Ainda assim, muitos que lutaram e morreram no cerco e na Comuna de Paris o fizeram por algum forte senso de lealdade e identidade. Como Courbet, eles justificavam a participação na Comuna com o simples argumento de que Paris era sua terra natal e de que sua comunidade merecia pelo menos o mínimo da liberdade concedida a outras. Seria difícil ler o *Paris comuna* de 1867, obra coletiva de alguns dos 125 autores locais mais prestigiados, e sucumbir às imagens poderosas de uma cidade à qual muitos confessavam lealdade apaixonada e duradoura. Mas o *Guide* também nos mostra como diversos parisienses concebiam a comunidade em uma escala menor de vizinhança, bairro, até mesmo dos novos *arrondissements* criados apenas sete anos antes. Esse tipo de lealdade era também importante. Durante a Comuna, muitos preferiram defender seus bairros aos muros de Paris, proporcionando às forças de reação um caminho incrivelmente fácil à cidade.

"Comunidade" significa coisas diferentes para pessoas diferentes. É difícil impor significados e, portanto, distorcer a maneira como as pessoas se sentiam e agem. Os juízos de Haussmann, por exemplo, baseavam-se na comparação com uma imagem rural de comunidade. Ele sabia muito bem que a "comunidade de dinheiro" prevalecia em Paris, e não a estreita rede de relações interpessoais que caracterizava grande parte da vida rural, e era visceralmente avesso a qualquer visão de comunidade que invocasse o ideal socialista de um corpo político protetor. Entretanto, embora Haussmann negasse a possibilidade de uma comunidade desse tipo, ele se esforçou para implantar outra, fundada na glória do Império e cheia de símbolos de autoridade, benevolência, poder e progresso, causas para as quais

¹⁰ Georges-Eugène Haussmann, *Mémoires du Baron Haussmann*, cit., v. 2, p. 200.

¹¹ Louis Greenberg, *Sisters of Liberty*, cit., p. 80; Jacques Rougerie, *Procès des communards*, cit.



Il les repousse aux parisiens dans les nomades

FIGURA 81: O caricaturista Dreyfus responde ao comentário de Haussmann de que Paris não é uma comunidade, mas uma cidade de nômades, apontando que a desocupação provocada pelas obras de Haussmann foi uma das principais causas do nomadismo.

parava congregar os "nômades" parisienses. Ele usava, como já vimos, as obras públicas (em particular seu monumentalismo); as Exposições Universais; as grandes comemorações, festas e fogos de artifício; a pompa e circunstância das vistas e da vida na corte; e todas as sedutoras roupagens do que se tornou conhecido como a *fête impériale* para construir um senso de comunidade compatível com um governo autoritário; o capitalismo de livre mercado e a nova ordem internacional.

Em resumo, Haussmann tentou vender uma nova e mais moderna concepção de comunidade, em que o poder do dinheiro era celebrado como espetáculo e exibido nos grandes bulevares, nos *grands magasins*, nos cafés e nas corridas e, acima de tudo, nos espetaculares "centros de peregrinação ao fetiche da mercadoria", as Exposições Universais. Independentemente de alguns terem achado esse tipo de

gestão vazia e superficial, algo que deveria ser combatido durante a Comuna, insiste Gaillard¹², ele foi uma tentativa notável, frutuosa e evidentemente compensada por grande parte da população, não apenas durante o Segundo Império, mas mesmo depois. Ao descentralizar as funções dos *arrondissements* e investí-los de simbolicidade (as novas *mairies*, por exemplo), Haussmann também tentou forjar laços identitários, embora em um sistema de controle hierárquico. Mais uma vez, ele foi surpreendentemente bem-sucedido. As localidades aos novos *arrondissements* se formaram de modo rápido e duram com uma força poderosa até hoje. Eles foram vitais durante a Comuna, quicá porque eram as unidades de recrutamento da Guarda Nacional e essa última, talvez não por acaso, veio a se tornar o grande agente da democracia direta e local. As imposições de Haussmann, vindas de cima, se transformaram em meios de expressão de uma democracia de bases comunitárias vindas de baixo.

Esse sentimento de democracia local e direta tinha raízes históricas profundas. Manifestou-se nas seções parisienses de 1789, nos clubes políticos de 1848 e na forma de organização das reuniões públicas após 1868. Havia uma forte afinidade nessa cultura política, que via a comunidade local e a democracia como indissociáveis. Tal ideologia se alastrou para a esfera econômica, na qual as ideias de Proudhon sobre o mutualismo, a cooperação, a federação e a livre associação tinham muita credibilidade. Mas Proudhon emergiu como um pensador influente porque articulou esse senso de comunidade por meio da organização nômic, o que atraiu bastante a tradição dos trabalhadores de ofício e até mesmo os pequenos proprietários. Paris há muito se dividia em diferentes bairros urbanos, cada qual com suas próprias características relativas a população, atividades econômicas e até estilo de vida. A taberna do bairro, como tem sido frequentemente enfatizado, era uma instituição fundamental para forjar a solidariedade entre moradores. Além disso, o fluxo de imigrantes em geral tinha "áreas de recepção" próprias na cidade, baseadas em seu local de origem ou ofício, e os "nômades" de Paris parecem ter usado bastante suas redes de parentesco como fontes de orientação para os labirintos da capital.

Há uma tese, sustentada em versões muito diferentes por escritores tão diversos quanto Lefebvre e Gaillard, de que as transformações de Haussmann, a especulação imobiliária e o domínio imperial destruíram o tradicional senso de comunidade e não conseguiram substituí-lo por algo sólido. Outros defendem que a reforma da administração a qualquer tipo de autogoverno que proporcionasse expressão política ao senso de comunidade era a principal pedra no sapato dos parisienses. A Comuna pode então ser interpretada como a tentativa, por meio da aliança de

de reconquistar o senso de comunidade perdido, retomar o espaço central da cidade, do qual eles haviam sido expulso, e reafirmar seus direitos como cidadãos de Paris¹³.

A tese não é implausível, mas requer consideráveis maiações para ser, de fato, verdadeira. Por exemplo, é fantasioso dizer que a noção de comunidade havia sido imensamente fortalecida de maneira mais estável e sólida em 1848. Existem evidências suficientes para discordar na época para refutar a tese de que as rupturas geradas por Haussmann não passavam de uma reconstrução retrospectiva romantizada. O que está mais em questão é que as realidades e ideologias da construção da comunidade sofreram uma enorme transformação na Paris do Segundo Império. E os mesmos processos que estavam modificando as relações de classe impactavam as comunidades de forma dolorosa. A comunidade do dinheiro estava dissolvendo todos os outros vínculos de solidariedade social, particularmente entre a burguesia (processo de que Balzac fala se queixando desde a década de 1830).

A urbanização de Haussmann foi concebida em uma escala espacial nova e muito grandiosa. Ele ligou comunidades que antes estavam isoladas, e esses vínculos continuaram que elas tivessem papéis específicos na matriz urbana. A especialização espacial na reprodução social tornou-se mais significativa, assim como a especialização espacial na produção e na oferta de serviços. No entanto, não se pode negar que os programas de Haussmann varreram algumas comunidades inteiras (a da Ilha da Cité, por exemplo), abriram rombos gritantes em outras e promoveram muita retribuição, deslocamento e remoção.

Isso provocou em todas as classes sociais muita nostalgia por um passado perdido ao qual quer tenham sido diretamente afetadas ou não. O fotógrafo Nadar confessou sentir-se um estranho naquele que deveria ser seu próprio país. "Eles destruíram tudo, até a memória", lamentou¹⁴. No entanto, por maior que fosse a sensação de perda ou o "luto pelo lar perdido" dos muitos desalojados, na prática a memória coletiva era surpreendentemente curta e o ajustamento humano, muito rápido. Kathleen Chevalier comenta como as lembranças e imagens da antiga Ilha da Cité foram erradicadas de modo quase instantâneo após sua destruição¹⁵. É provável que a perda da comunidade, lamentada por muitos observadores burgueses, tenha sido gerada primeiramente pelo colapso dos sistemas tradicionais de controle social

¹² Henri Lefebvre, *La production de l'espace*, cit.; Jeanne Gaillard, *Paris: la ville*, cit.; Louis Greenberg, *Stayers of Liberty*, cit.

¹³ *Paris-Guide* (1867) (Paris, La Découverte/Maspero, 1983), p. 170; Marc Fried, "Grieving for a Lost Home", em Leonard Duhal (org.), *The Urban Condition: People and Policy in the Metropolis* (Nova York, Basic Books, 1963).

¹⁴ Louis Chevalier, *Working Classes and Dangerous Classes*, cit., p. 300.

¹⁵ Jeanne Gaillard, *Paris: la ville*, cit., p. 231.

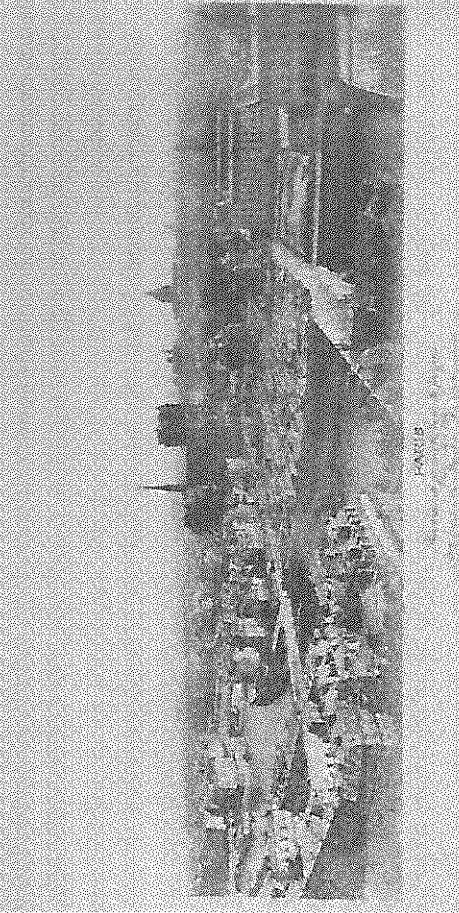


FIGURA 82: As remoções na *Ile de la Cité*, registradas nesta foto do fim da década de 1860, foram extensas até para os padrões atuais.

após o rápido crescimento demográfico, pelo aumento da segregação residencial e pelo fracasso da provisão social (desde igrejas até escolas) em acompanhar a rápida reorganização do espaço de reprodução social. O neo-malthusianismo de Haussmann com relação ao bem-estar social e sua insistência no regime autoritário, em vez do autogoverno municipal, sem dúvida exacerbaram os perigos. O problema não era o fato de Belleville não ser uma comunidade, mas sua transformação no tipo de comunidade que a burguesia temia, na qual a penetração da polícia era impraticável e o controle do governo impossível e em que as classes populares, com suas paixões desordenadas e ressentimentos políticos, tinham vantagem estratégica. Era isso que realmente estava por trás das queixas do chefe de polícia em 1855:

Destaca-se que as circunstâncias que obrigam os trabalhadores a sair do centro de Paris têm tudo em geral um efeito deplorável sobre seu comportamento e moralidade. Antes, eles costumavam viver nos andares superiores de prédios cujos pisos inferiores eram ocupados por famílias de negociantes e outras pessoas razoavelmente prósperas. Uma espécie de solidariedade se desenvolvia entre moradores de um mesmo prédio e os vizinhos se ajudavam com pequenos gestos. Quando doentes ou desempregados, os trabalhadores podiam encontrar muita ajuda, e seus hábitos estavam quase sempre imbuídos em uma espécie de respeito humano. Transferidos para o norte do canal de

Saint-Martin ou mesmo para além das fronteiras da cidade, eles agora vivem onde não há famílias burguesas e, apesar de estarem privados de sua ajuda, por outro lado estão livres da contendação que vizinhos desse tipo exerciam.

O crescimento e a transformação da indústria, do comércio e das finanças; a migração e a suburbanização; o colapso dos controles no mercado de trabalho e no sistema de formação de aprendizes; a transformação dos mercados imobiliário e fundiário; o aumento da segregação espacial e da especialização dos bairros (de comércio, trabalho de ofício, reprodução da classe trabalhadora etc.); a reorganização da habitação, da provisão de bem-estar social e da educação — todos esses fatores reunidos, sob o poder esmagador do cálculo monetário, promoveram mudanças vitais no significado e nas experiências da comunidade. Fosse qual fosse o senso de comunidade em 1848, ele estava radicalmente modificado, mas não era menos coerente ou viável (como a Comuna demonstraria) em 1870. Vamos explorar com um pouco mais de profundidade tais diferenças.

A COMUNIDADE DE CLASSE E A CLASSE DA COMUNIDADE

O movimento dos trabalhadores de junho de 1848 foi esmagado por uma Guarda Nacional procedente de trezentos centros provinciais. A burguesia que se movia na órbita comercial de Paris tinha a seu favor “comunicações a longa distância muito melhores que as da classe trabalhadora — dona de forte solidariedade local, mas quase incapaz de agir em nível regional ou nacional”¹⁶. A burguesia utilizou sua vasta rede espacial de contatos comerciais para preservar seu poder econômico e político.

Por trás dessa circunstância há um problema e um princípio de certa importância. Será que “comunidade” implica coerência territorial? Se for esse o caso, então como os limites são demarcados? Ou será que “comunidade” significa apenas comunidade de interesses, sem delimitações espaciais específicas? O que de fato vemos é a burguesia definindo uma comunidade de interesse de classe que se espalha pelo espaço. Esse foi, por exemplo, o segredo do sucesso de Rothschild (com sua ampla rede familiar de correspondentes em diferentes capitais). A alta burguesia dos negócios e na administração (como os Péreires, Thiers e Haussmann), munida das lições de 1848 e fiel a seus interesses de classe, pensava e atuava cada vez mais nesses termos. A repressão à Comuna feita por Thiers ocorreu de forma idêntica a de 1848. A burguesia descobriu que podia usar seu domínio superior sobre o

¹⁶ Fed Magadan, “Proto-urban Development and Political Mobilization during the Second Republic”, em John Merriman (org.), *French Cities in the Nineteenth Century*, cit., p. 106.

espaço para esmagar os movimentos de classe, por maior que fosse a solidariedade local em determinados lugares.

Os trabalhadores também foram pressionados para redefinir a comunidade em termos de classe e espaço. Seu movimento de 1848 fora marcado pela solidariedade contra trabalhadores estrangeiros mesclada à profunda simpatia pelos povos oprimidos de toda parte (a solidariedade para com a Polónia desencadeou importantes revoltas nas ruas de Paris em maio de 1848). A transformação na divisão internacional do trabalho e as novas relações espaciais estimularam escritores como Corbon a argumentar que a solução para a questão do trabalho não era local; ela tinha de ser buscada, no mínimo, a partir de uma perspectiva europeia¹⁸. O problema então estava na comparibilização dessa perspectiva internacionalista com os sentimentos mutualistas e corporatistas que impregnavam a tradição da classe-trabalhadora. A tradição da *compagnonnage* e o *tour de France* proporcionaram uma espécie de base para que novos tipos de organizações trabalhistas, capazes de dominar o espaço, fossem maneira comparável à da burguesia, pudessem ser concebidos. Esse foi o objetivo que a recém-fundada Associação Internacional dos Trabalhadores buscou eliminar e o resultado foi o surgimento de um enorme e incontrolável pânico na burguesia, pois a Internacional começou a definir uma comunidade de classe "em todas as províncias, centros industriais e Estados", desafiando assim o poder que a burguesia considerava tão inabalável em 1848¹⁹.

Na prática, a burguesia não tinha tanta razão para tremer. A relativa fraqueza das conexões da Internacional e o resíduo poderoso de um mutualismo extremamente localizado tornaram-se óbvios na Guerra de 1870 e na Comuna. Em consequência da criação da Fédération des Chambres Syndicales Ouvrières em 1869 — organizada guarda-chuva que atuava em toda a cidade (sob liderança de Varlin) para apoiar recém-legalizados sindicatos — ajudou a construir a perspectiva do trabalhador em questões trabalhistas a partir de uma óptica metropolitana, coerente com a organização de Haussmann. Esse tipo de organização sintetizava as poderosas tradições do mutualismo localizado e da democracia direta em estratégias de alcance metropolitano de luta de classe sobre o processo laboral e as condições de emprego. Ela faria parte da volátil mistura que conferiu à Comuna muito de sua força.

A transformação da escala da urbanização e a redução das barreiras espaciais modificaram o espaço sobre o qual a comunidade se definia. Mas essa mudança também foi uma resposta às novas lutas e configurações de classe nas quais os participantes aprendiam que o controle do espaço e das redes espaciais era uma luta

de poder social. A essa altura, as evoluções de classe e de comunidade se cruzaram para criar novas e intrigantes possibilidades e configurações.

O surgimento das novas comunidades de classe (foi acompanhado pelas novas formas de classe de comunidade. O espaço social de Paris sempre foi segregado. O sulho e a riqueza do centro há muito contrastavam com o empobrecimento contínuo do subúrbio; o oeste predominantemente burguês destoava do leste da cidade-trabalhadora; e a progressista Rive Droite divergia da tradicionalista, embora a presença de estudantes, Rive Gauche²⁰. Nesse padrão geral, havia uma considerável diferença espacial. Havelas deploráveis se mesclavam com opulentas residências urbanas nos ateliês dos trabalhadores de ofício e dos artesãos se amalgamavam com residências artísticas na Rive Gauche e no Marais; e, embora estivesse diminuindo, a famosa segregação vertical (a burguesia rica no segundo andar, acima da boutique, e famílias de trabalhadores no sótão) ainda proporcionava algum contato social entre as classes. Mestres e empregados na indústria e no comércio também viviam tradicionalmente próximos, sobretudo no centro da cidade, e esse padrão persistia apesar do empenho de Haussmann para a desindustrialização.

Embora seja inverídico dizer que Haussmann tenha criado a segregação espacial da cidade, suas obras — associadas ao efeito de alocação da terra ao uso que tem o lugar — em um contexto de transformação nos mercados imobiliário e fundiário — influenciaram-na, principalmente com base nas distinções de classe. A remoção das fachadas e a especulação imobiliária consolidaram bairros burgueses no oeste, enquanto o sistema paralelo de desenvolvimento urbano nas periferias do norte e do leste produziu blocos residenciais de baixa renda apartados por completo das classes superiores. Em Belleville, La Villette e Montmartre, isso criou vastas zonas de concentração da classe-trabalhadora de diferentes ocupações, que teriam papel crucial na agitação que conduziu à Comuna. A competição pelo uso da terra também consolidou bairros de negócios e financeiros, e as atividades industriais comerciais tenderam a se aglomerar de forma mais compacta em determinadas zonas do centro — tipografias na Rive Gauche, serralherias no nordeste do centro, e peles em torno da Arts et Métiers, roupas *prêt-à-porter* próximas dos grandes boulevares. E cada ofício característico de um bairro dava uma forma social aos bairros residenciais circundantes — a concentração de trabalhadores administrativos no norte do centro de negócios, trabalhadores de ofício no centro do nordeste, alfaiates e encadernadores (grupo muito militante) na Rive Gauche. Zonas e redutos, centros e periferias e até a bela combinação dos bairros estavam muito mais fortemente definidos por classe ou ocupação em 1870 do que em 1848.

¹⁸ Claude Anthime Corbon, *La secret du peuple de Paris*, cit., p. 102.

¹⁹ Louis Reybaud, "Les agitations ouvrières et l'Association Internationale des Travailleurs", *des Deux Mondes*, jun. 1869, p. 871-902.

²⁰ J. Howard Copping, *Aspects of Paris* (Londres, Longman, Brown, Green, Longmans & Roberts, 1898), p. 5.

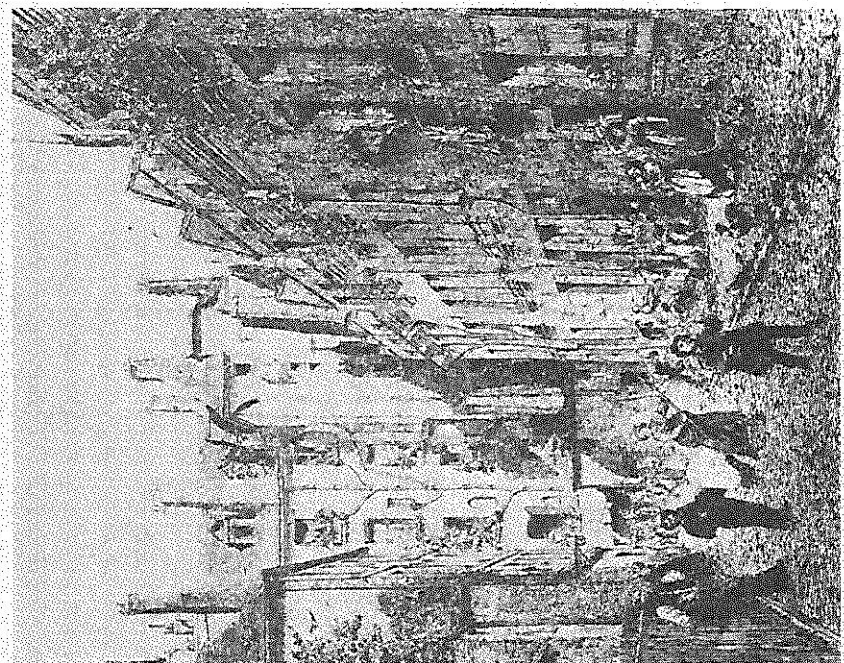
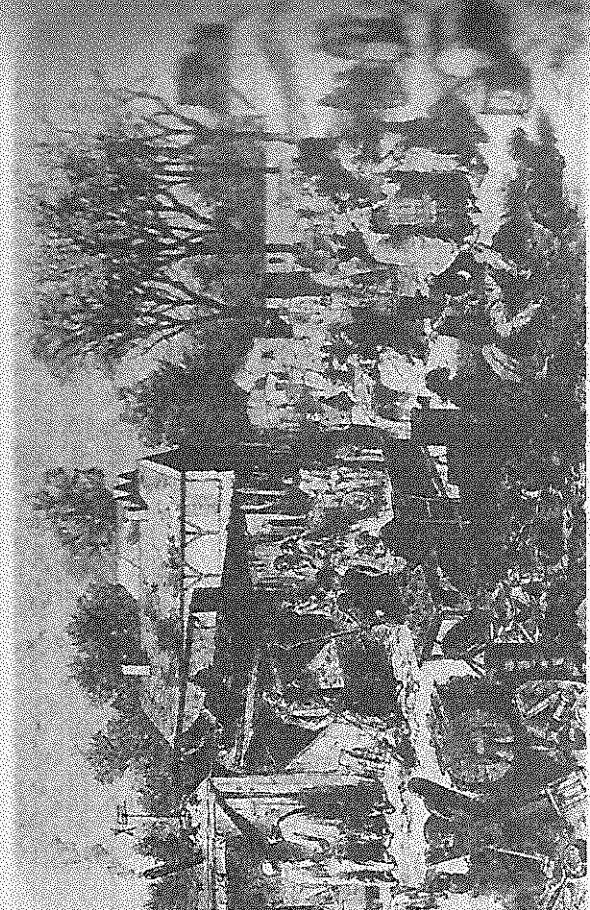


FIGURA 83: Paris satisfez suas necessidades, as pessoas da classe trabalhadora tinham de buscar alojamentos na periferia (com freqüência temporariamente) em locais internos de maior porte no centro, onde a superpopulação era evidente.

Embora esse quadro estivesse muito associado à escala espacial do processo de modernização por Haussmann, ele também era reflexo das transformações fundamentais do processo de trabalho, da estrutura industrial e do padrão emergente de classes de classe no qual o ofício e a ocupação tinham um papel menos significativo. A consolidação do poder comercial e financeiro, a prosperidade crescente de alguns segmentos da alta e média burguesia, a separação cada vez maior entre trabalhadores e mestres e a progressiva especialização na divisão do trabalho que provocava a perda da qualificação estavam refletidas na produção das novas comunidades de classe. Antigos padrões podiam ainda ser discernidos – a mistura social na Rive Gauche continuava tão confusa como sempre –, mas agora estavam envolvidos de uma estruturação mais intensa e definida dos espaços de reprodução social. A organização espacial e o senso de comunidade que a acompanhava foram modificados no processo de reprodução das configurações de classe. Como conclui Sennett com perspicácia, “o bairrismo e as classes mais baixas se fundiram” durante o Segundo Império, não porque os trabalhadores queriam as coisas dessa maneira, mas porque as forças sociais lhes impunham tais identificações²¹.

O bilioso relato de Poulot sobre o “sublismo” dos trabalhadores parisienses oferece uma explicação mais clara sobre como a comunidade de classe funcionava. Importante industrialista e empregador, ele estava furioso com a insubordinação do ambiente de trabalho, o antiautoritarismo e a oposição de classe. Para ele, os problemas na formação familiar constituíam uma parte importante do problema. Em sua tentativa de cooptar as mulheres e promover formas “respeitáveis” de vida familiar). As tabernas dos bairros eram um problema. Os trabalhadores e até famílias inteiras costumavam se reunir nesses locais para se queixarem de que não tinham voz nas condições opressivas da oficina, tampouco no isolamento do trabalho domiciliar. O fato de a clientela frequentar as tabernas em função dos bairros, e não da modalidade de trabalho²², possibilitava a formação de uma perspectiva mais ampla sobre a condição da classe trabalhadora em geral, não apenas a de determinada oficina. Havia também tensões dentro e em torno do que a taberna representava, como observa Sennett: “Quando o café se tornava local de conversação entre pares no trabalho, ele ameaçava a ordem social; quando o café se tornava um local onde o alcoolismo destruíra a fala, ele mantinha a ordem social”. Foi por essa razão que socialistas como Varlin estimularam a utilização dos restaurantes cooperativos

Richard Sennett, *The Fall of Public Man*, cit., p. 137 [ed. bras.: *O declínio do homem público*, cit., p. 174].
Denis Poulot, *Le sublime*, cit.; W. Scott Hains, *The World of the Paris Café*, cit.; Richard Sennett, *The Fall of Public Man*, cit., p. 215 [ed. bras.: *O declínio do homem público*, cit., p. 266 – tradução ligeiramente modificada].

(La Marmite) como espaços políticos para a articulação dos ideais socialistas. O bairro reconheceu, e que frequentemente se confirmou, é que as solidariedades e identidades de classe são muito mais fortes quando apoiadas, se não diretamente, pela organização comunitária (o caso das comunidades mineiras é paradigmático nesse sentido). As identidades de classe são forjadas tanto na comunidade quanto no local de trabalho. A frustração de Poulot estava no fato de que ele não exercia algum controle no local de trabalho, mas não no espaço da comunidade.

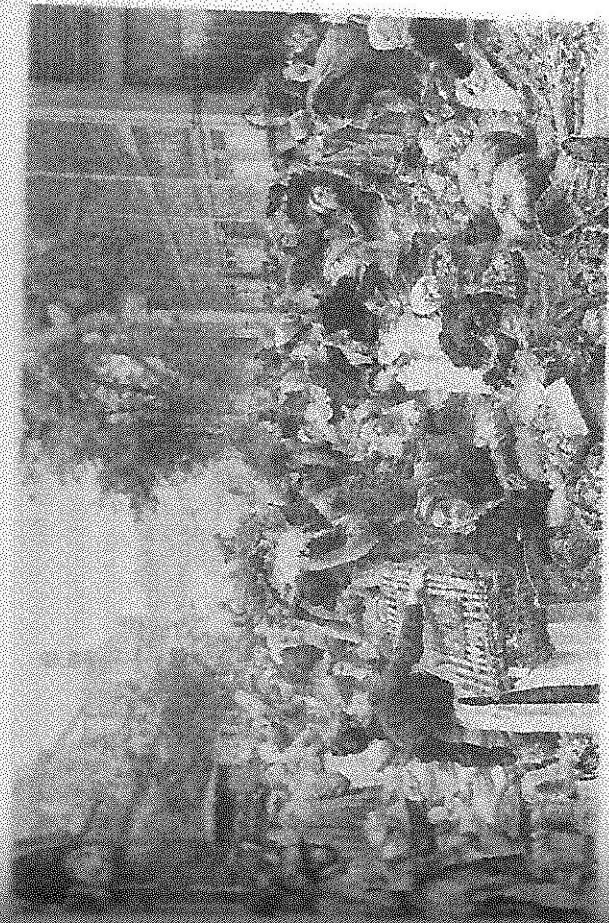
Gould discorda dessa perspectiva. Ele escreve que

A reconstrução do centro de Paris, a dispersão geográfica dos trabalhadores em série de edifícios industrializantes e a significativa expansão da população nos *rondissements* periféricos criaram as condições para um tipo de protesto social em que a identidade coletiva da comunidade estava em grande parte divorciada dos bairros ocupacionais, fundadas no ofício e em sua parente mais elusiva, a classe.

O bairro era uma “base para a identidade coletiva que pouco tinha a ver com o mundo do trabalho”. E a Comuna seria, portanto, “baseada na identificação com a comunidade urbana, e não com o tipo de ocupação ou com a classe”. Gould declara ter chegado a essa conclusão por meio de simples evidências empíricas “neutras”, e faz duras críticas aos que supostamente sobrepõem uma interpretação de classe aos fatos recalcitrantes.

Gould tem razão em insistir que os novos espaços periféricos (como Belleville) que desempenharam um papel tão importante na Comuna, eram menos identificados pela profissão, mas se equivocou ao supor a ausência de relação com “suas parente mais elusiva, a classe”. Ele apresenta como prova o fato de que a comunidade de classe em Belleville não havia aumentado de forma significativa entre 1848 e 1872 (segundo seu próprio levantamento, o bairro teria permanecido apenas estável, com seus surpreendentes 80% de habitantes classificados como trabalhadores diante de uma população incrivelmente maior em 1872). Poulot, por sua vez, sem dúvida apreciaria a insistência de Gould sobre a importância das redes e substituições de bairro na criação de solidariedades sociais, mas teria ficado espantado se ouvisse que elas não tinham nada a ver com classe. A principal evidência que Gould apresenta para a solidariedade entre diferentes classes são as testemunhas nos casamentos da classe trabalhadora – donos e empregadores em sua maioria. Partir disso, ele conclui que as redes sociais nos bairros não tinham bases classistas. Gould convenientemente ignora o fato de que o concubinato era a norma

23 Roger Gould, *Insurgent Identities*, cit.



UN SAMEDI SOIR AU QUARTIER MOUETREPARIS. — Soirée de la Van-valetto.
Bataille de la Classe. — Voir l'œuvre, page 4.

CA 84: A vida nas ruas da classe trabalhadora em torno de Les Halles (de autoria de Le Conteux), e a rotina nas tabernas (de autoria de Crepon) estavam muito longe do padrão de respeitabilidade. Observe como as mulheres e crianças parecem totalmente integradas à cena da taberna.

casamento, a exceção (em 1881, Poulton fez uma série de esforços para estabelecer uma sociedade que promovesse o casamento na classe trabalhadora, mas não fez essa tarefa). A maioria dos trabalhadores não se casava porque o casamento era muito caro e muito complicado. Aqueles que o faziam quase certamente haviam alguma ascensão social e mais respeitabilidade, e por isso muito provavelmente optavam por testemunhas "respeitáveis" (como médicos e advogados, pessoas ricas e influentes no local).

Como temos assinalado repetidas vezes, a distinção entre trabalhadores pequenos proprietários era porosa, e essa não era a principal divisão de classe. Os queiros e financistas, proprietários de terras, capitalistas comerciais, industriais e toda a opressiva rede de subcontratantes eram os principais inimigos de classe dos trabalhadores, e duvido muito que algum destes tenha aparecido como testemunha nos dados de Gould. O fato de as testemunhas serem parte da rede social é inevitável, mas o significado atribuído a isso também está sujeito a questionamento. Segundo Haine, os proprietários de tabernas e cafés quase sempre atuavam como testemunhas para os clientes, mas isso dificilmente evidencia uma ausência de solidariedade de classe, pois esses estabelecimentos eram, em geral, centros de socialização da consciência de classe²⁴. No entanto, Gould está absolutamente certo ao apontar a questão das liberdades municipais como uma demanda fundamental tanto antes quanto durante a Comuna. Mas há fortes evidências em ambos os lados entre a burguesia e entre os trabalhadores — de que isso foi conceituado como uma demanda de classe, embora esta tivesse pontos em comum (e às vezes desconhecidos) com algumas formas mais radicais de republicanism político burguês.

Em oposição à opinião não fundamentada de Gould de que "não há evidência da efetividade do conteúdo socialista das reuniões públicas ocorridas após 1864", vemos a afirmação confiante de Varlin, já em 1869, de que oito meses de debates públicos haviam revelado "a preferência cada vez maior pelo sistema comunista que os que estão se matando de trabalhar nas oficinas, entre aqueles cujo único sonho é a luta contra a fome", bem como os ponderados arrigos de Millière na imprensa em 1870, sobre as perspectivas e os perigos da "comuna social" como solução para os problemas da classe trabalhadora²⁵. Como já vimos, o controle do corpo político vinha sendo seriamente contestado sob critérios de classe desde a década de 1840, se não antes, e a associação entre "comunismo" e "comuna" estava sendo revivida de forma ativa. A incrível proeminência da demanda por autogovernança municipal

²⁴ Alain Corréau, "Denis Poulton's *Le sublime* — a Preliminary Study", cit., p. 155; Philippe Bourdieu, *La vie quotidienne dans la Comédie Humaine de Balzac* (Paris, Hachette, 1998); W. Scott Brundage, *The World of the Paris Café*, cit.

²⁵ Ver Adrian Rifkin e Roger Thomas (orgs.), *Voices of the People*, cit.

em uma cidade onde a classe trabalhadora era majoritária dificilmente pode ser de prova para a ausência de interesse de classe. E se a Comuna estava apenas no limbo da liberdade municipal, por que a burguesia republicana (que em geral a rejeitou) fugiu de modo tão rápido da cidade e por que os monarquistas (que há muito faziam campanha em prol da descentralização política) forneceram o núcleo ideológico da liderança militar que tratou tão ferozmente os *communards* como "vermelhos" e "anarquia sangrenta de maio de 1871"?

É interessante notar que grande parte das evidências que Gould reúne sobre a ausência da proximidade espacial nas relações sociais (de classe) e a importância das instituições de bairro e dos novos *arrondissements* como *loci* de solidariedade social e perfeitamente coerente com o relato que apresento aqui. A Comuna foi o resultado de um evento muito diferente daquele de 1848, e isso se deveu, em parte, à reorganização radical dos espaços cotidianos que a haussmannização realizou, juntamente com as transformações também radicais nos processos de trabalho, na organização da acumulação do capital e na distribuição dos poderes do Estado. A proximidade de classe e a classe da comunidade tornaram-se características cada vez mais marcantes da vida diária e da política do Segundo Império, e, sem o estreito relacionamento desses fatores, a Comuna não teria assumido a forma que assumiu.